

## A COMPAIXÃO EM QUESTÃO: O IDIOTA COMO CHAVE PSICOLÓGICA ENTRE DOSTOIEVSKI E NIETZSCHE.

RAI MARCELO DE OLIVEIRA FEIJÓ; CLADEMIR LUIS ARALDI

*Universidade Federal de Pelotas – raimarcel.ro@gmail.com*  
*Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o debate sobre a compaixão se manifesta em diversas arenas: das discussões sobre justiça social e políticas de auxílio humanitário até a cultura do cancelamento e as dinâmicas de empatia nas redes sociais. Frequentemente, a capacidade de "sentir com o outro" é apresentada como uma solução, um imperativo moral. Este trabalho busca investigar as fundações e as tensões inerentes a este conceito, partindo do pensamento de dois dos mais incisivos críticos da modernidade: o filósofo Friedrich Nietzsche e o romancista Fiódor Dostoiévski. Imersos em um contexto cultural que frequentemente eleva a compaixão ao status de virtude relevante e entendida como positiva, esta análise busca problematizar suas implicações, mostrando como ela pode ser interpretada não apenas como o cimento das relações humanas, mas também como um sintoma de fraqueza ou uma força existencialmente ambígua e até destrutiva.

Este trabalho propõe-se a examinar como a "questão da compaixão" em Nietzsche e Dostoiévski revela tensões fundamentais entre os autores e da condição humana. A conexão entre os dois não é meramente temática, mas profundamente psicológica. Conforme argumentou SHESTOV(1969) Dostoiévski, com seu "homem do subsolo", foi o precursor da "filosofia da tragédia" que Nietzsche levaria às últimas consequências. O objeto deste estudo é, portanto, analisar as implicações filosóficas de suas concepções, partindo da análise de duas obras centrais:

O *Anticristo* de Nietzsche e O *Idiota* de Dostoiévski. A relevância dessas obras é central: O *Anticristo* representa o ataque mais direto de Nietzsche à moralidade cristã, cujo cerne é a compaixão; por sua vez, O *Idiota* é o experimento literário mais radical de Dostoiévski ao tentar encarnar uma compaixão absoluta (Entendida como o ideal de virtude de dostoiievski) STELLINO (2015) na figura do Príncipe Míchkin e testar sua viabilidade no mundo moderno.

### 2. METODOLOGIA

No que tange especificamente à obra de Nietzsche, a abordagem do conceito de compaixão (*Mitleid*) transcenderá a simples exegese textual para se configurar

como uma análise genealógica. Metodologicamente, isso implica que a compaixão não será tratada como uma virtude atemporal, mas como um sintoma fisiopsicológico a ser diagnosticado. O percurso analítico buscará, portanto, investigar as origens e os valores associados à compaixão para revelar que tipo de vida ela afirma ou nega. Desta forma, o conceito será inserido na metodologia não como um objeto a ser definido, mas como um valor a ser refletido em sua função dentro da crítica de Nietzsche à moralidade cristã e à decadência dentro da obra *O idiota*.

Esta pesquisa se insere no campo da Filosofia e dos Estudos Literários, utilizando como método principal a análise conceitual comparada. O trabalho se desenvolverá a partir de uma revisão bibliográfica de natureza exploratória, centrada nas obras primárias dos autores, com foco especial em *O Anticristo* e *O Idiota*. Como suporte crítico, utilizaremos a biografia de FRANK (2010) sobre Dostoiévski, as análises de SHESTOV(1969) em *Dostoevsky, Tolstoy, and Nietzsche*, o estudo de STELLINO (2015) *Nietzsche and Dostoevsky: On the Verge of Nihilism* e a obra de MULLER-LAUTER (2009) *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia* inserido na filosofia de Nietzsche. O referencial de análise buscará identificar os argumentos centrais e as consequências existenciais da compaixão em cada autor, estabelecendo pontos de convergência e divergência.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha de analisar Nietzsche e Dostoiévski conjuntamente não é acidental. O próprio Nietzsche estabelece a ponte ao afirmar que “Os evangelhos nos apresentam justamente os mesmos tipos fisiológicos descritos nos romances de Dostoiévski” MULLER-LAUTER (2009) Para Nietzsche, Dostoiévski era o único psicólogo de quem tinha algo a aprender. Essa afinidade é explorada por SHESTOV(1969), que argumenta que Nietzsche encontrou em Dostoiévski um “irmão de sangue” e seu verdadeiro predecessor na filosofia da tragédia. Segundo Shestov, ambos ousaram olhar para o abismo da existência humana sem as consolações da moralidade tradicional. Shestov afirma: “Nietzsche compreendeu que, em nossa época, é impossível servir simultaneamente a dois senhores” – a moralidade e a verdade trágica – e viu em Dostoiévski aquele que primeiro encenou essa impossibilidade. É neste terreno comum, onde a moral cristã é posta à prova, que a crítica à compaixão se torna central.

Em *O Anticristo*, especialmente na sessão 7, Nietzsche ataca a compaixão como a prática do niilismo. Para ele, a compaixão se opõe aos afetos tônicos que elevam a energia vital. Ao “padecer com” o outro, o indivíduo perde força. A compaixão, no cristianismo, torna-se um instrumento que não visa eliminar o sofrimento, mas conservá-lo, multiplicando a miséria. Ela mantém viva a desgraça que, por uma lógica natural de seleção, deveria perecer, santificando o fraco, o baixo e o fracassado em uma inversão de todos os valores nobres.

A concepção de *O Idiota*, como explica FRANK (2010) nasce do desejo de Dostoiévski de retratar um “homem perfeitamente belo”, tendo Cristo como modelo.

O resultado é o Príncipe Míchkin, cuja fascinação espiritual é marcada por uma “total ausência de vaidade ou egoísmo” e uma “capacidade única de assumir o ponto de vista de seu interlocutor”. Essa capacidade, no entanto, contém a semente de sua destruição. FRANK (2010) utilizando a terminologia de Max Scheler, define o movimento trágico do romance como a passagem de Míchkin do que Scheler chama de “sentimento de compadecimento vicário” (que envolve vivenciar uma compreensão e simpatia pelos sentimentos dos outros sem ser por eles subjugado emotivamente) para uma “coalescência total que leva à perda da identidade e da personalidade”. É exatamente essa dissolução do eu que o torna incapaz de navegar no mundo real.

A validade de toda esta análise repousa na premissa da influência de Dostoiévski sobre Nietzsche. Sem essa conexão, a comparação entre a crítica à compaixão e a figura do 'Idiota' seria insustentável. A hipótese de que Nietzsche leu *O Idiota* e o usou como modelo para sua crítica a Jesus em *O Anticristo* é robusta, como documenta STELLINO (2015). Ao criticar a visão de Ernest Renan de Jesus como “gênio” ou “herói”, Nietzsche propõe uma terminologia diferente e chocante. Stellino cita o trecho de Nietzsche em *O Anticristo*, 29: “A linguagem rigorosa da fisiologia usaria uma palavra diferente aqui: a palavra ‘idiota’”. Nietzsche, segundo STELLINO (2015), não busca fazer uma biografia, mas uma “patografia” de Jesus, uma análise psicológica e fisiológica. Ele define o tipo do redentor a partir de um *habitus* fisiológico mórbido: “O instinto de ódio à realidade: a consequência de uma extrema hipersensibilidade e capacidade de sofrer que não quer ser ‘tocada’ de forma alguma, porque sente cada contato de forma muito aguda”. Essa descrição é um retrato quase perfeito do Príncipe Míchkin, com sua pureza infantil e sua incapacidade de suportar os conflitos brutais da sociedade.

Essa análise se desdobra em características específicas:

**Fisiologicamente:** Míchkin, assim como o Jesus de Nietzsche, é infantilizado, epilético e permanece “na idade da puberdade”, com os instintos viris não desenvolvidos.

**Psicologicamente:** Ele é um “anti-realista”, incapaz de compreender a realidade prática e, por isso, ineficaz no mundo. Sua bondade o torna um “idiota” no sentido grego original de *idiótes*: o “homem privado”, que não tem lugar na sociedade (*pólis*).

Para Dostoiévski, a capacidade de “padecer com” o outro (Que para Nietzsche é *Mitleid*), mesmo que leve ao colapso, é a mais alta expressão da humanidade. Para Nietzsche, essa mesma atitude é uma armadilha, a quintessência da moralidade de rebanho. SHESTOV(1969) captura essa tensão de forma brilhante ao interpretar a filosofia de Nietzsche. Para o Super-Homem de Nietzsche, escreve SHESTOV(1969), “a piedade é a última e mais terrível tentação de todas”. É a tentação final que o impede de se afirmar plenamente. Onde Dostoiévski vê no sofrimento compartilhado a possibilidade de redenção, Nietzsche vê a sedução final do niilismo, a renúncia à Vontade de Potência em nome de uma moralidade que

enfraquece a vida. A tragédia de Míchkin, para Dostoiévski, é a de um santo num mundo profano; para Nietzsche, seria a tragédia inevitável de uma fisiologia doente que se choca com a realidade.

#### 4.CONCLUSÕES

Gostaria primeiramente de ressaltar que essa é uma pesquisa em desenvolvimento, que por isso pode ter resultados que ainda serão esboçados com mais propriedade. A análise comparativa de Nietzsche e Dostoiévski, mediada pela figura do Príncipe Míchkin, revela que a compaixão é um campo de batalha filosófico. Longe de ser uma virtude simples, ela se mostra como uma força complexa com implicações profundas para a condição humana. Dostoiévski, através de *O Idiota*, encena a tragédia da compaixão absoluta em um mundo imperfeito, questionando sua viabilidade, mas ainda assim a vendo como um ideal divino. Nietzsche, por outro lado, utiliza o mesmo tipo psicológico que Dostoiévski "adivinhou" para diagnosticar a compaixão como o principal sintoma da *décadence* ocidental — uma moralidade que, ao proteger os fracos, impede a evolução de indivíduos mais fortes e nega a vida. A figura de Míchkin, portanto, não é apenas um personagem literário, mas a chave que destrava a crítica nietzschiana ao ideal cristão. Este trabalho demonstra que a tensão entre a visão trágico-religiosa de Dostoiévski e a diagnose fisiológica de Nietzsche não é apenas um debate histórico, mas uma questão que permanece central para a compreensão da moralidade e dos projetos de existência na contemporaneidade.

#### 5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **O Idiota**, São Paulo: Martin Claret 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**, São Paulo, 2008.
- FRANK, Joseph. **Dostoevsky: A Writer in His Time**, Nova Jersey, Princeton University Press, 2010.
- STELLINO, Paolo. **Nietzsche and Dostoevsky: On the Verge of Nihilism**, Bern, International Academic Publishers, 2015.
- SHESTOV, Lev. **Dostoevski, Tolstoi and Nietzsche**
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche Sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**, São Paulo, Editora unifesp, 2009.